

D. Juarez, o morto, respondeu sem titubear:

— Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesmo, cultivar a verdade, fazer o bem e colaborar na fraternidade universal.

Nesse instante, levantaram-se todos, sob grande revolta. O Inquisidor-mór recomendou o recolhimento da endemoninhada, até ulterior deliberação, explicando-se aos sevilhanos que coisa alguma ficara esclarecida e que o assunto não passava de farsa condenável e odiosa.

O narrador fez uma pausa mais longa, mas um dos amigos presentes, interpretando o nosso interesse, indagou:

— E a médium? que lhe aconteceu?

— Vocês ainda perguntam? — revidou o padre Ortigosa, em tom significativo — como a Inquisição não podia punir o Espírito, queimou a intermediária, em soleníssimo auto-de-fé.

Em seguida sorriu bondosamente e concluiu:

— Cecília de Anteguera, porém, logo após entregar o corpo às cinzas, uniu-se ao Espírito de D. Juarez, em serviço muito mais elevado e profícuo às criaturas humanas, encontrando no sacrifício a sua melhor realização, convertendo-se ainda em devotada amiga de todos os seus acusadores e verdugos, aos quais sempre recebeu, caridosamente, nos primeiros degraus da passagem sombria do túmulo.

28
XXVIII

Depois da ressurreição

Contou-nos um amigo que, logo após a ressurreição do Cristo, houve grande movimentação popular em Jerusalém.

O fato corria de boca em boca. Sacerdotes e patriarcas, negociantes e pastores, sapateiros e tecelões discutiam o acontecimento.

Em algumas sinagogas, fizeram-se ouvir inflamados oradores, denunciando a "invasão galiléia".

— Imaginem — exclamava um deles da tribuna, diante das tábuas da lei — imaginem que a mulher mais importante do grupo, a que se encarregou da chamada mensagem de ressurreição, é uma criatura que já foi possuída por sete demônios. Em Magdala, todos a conhecem. Seu nome rasteja no chão. Como interpretar um acontecimento espiritual, através de pessoa dêsse jaz? Os galileus são velhacos e impostores. Naturalmente cansados da pesca, que lhes rende poucos recursos, atiraram-se, em Jerusalém, a uma aventura de imprevisíveis conseqüências. E' indispensável reajustar impressões. Moisés, o maior de todos os profetas, o salvador de nosso povo, morreu no monte Nebo, contemplando a Terra da Promissão sem poder penetrá-la... Por que motivo, um filho de carpinteiro, que não foi um

doutor da lei, alcançaria semelhante glorificação? acaso, não foi punido na cruz como vulgar malfetor? Se os grandes profetas da raça, que se mantêm sepultados em túmulos honrosos, não se fazem ver nos céus, como esperar a divina demonstração de um homem comum, crucificado entre ladrões, na qualidade de embusteiro e mistificador?

A argumentação era sempre ardente e apaixonada.

Na sinagoga em que se congregavam os judeus da Batanéia, outro orador tomava a palavra e criticava, acerbamente:

— Onde chegaremos com a ilusão do regresso dos mortos? Estamos seguramente informados de que o caso do carpinteiro nazareno não passa dum embuste de mau gosto. Soldados e populares viram os pescadores galileus subtraindo o corpo ao túmulo, depois da meia-noite. Em seguida, como é de presumir-se, mandaram uma certa mulher sem classificação começar a farsa no jardim.

E, cerrando os punhos, bradava:

— Os criminosos, porém, pagarão. Serão perseguidos e exterminados. Sofrerão o suplício dos traidores, no átrio do Templo. Apenas lamentamos que José de Arimatéia, ilustre homem do Sinédrio, esteja envolvido no desprezível assunto. Infelizmente, o túmulo execrável situa-se em terreno que lhe pertence. Não fôra isso, iniciariamos, hoje mesmo, a lapidação de todos os culpados. Lutaremos contra a mentira, puniremos os que insultam nossas tradições veneráveis, honraremos a lei de Israel.

E as opiniões chocavam-se, em tôda parte, como fogos acesos.

Os discípulos, para receberem as visitas espirituais do Mestre e anotar-lhe as sugestões, reuniam-se, secretamente, a portas fechadas. Por vêzes, escutavam as chufas e zombarias que vinham de fora; de outras percebiam o apedrejamento do telhado, circunstâncias que os obrigou a continuadas modificações. Não fixavam o ponto de serviço. Ora encontravam-se em casa de parentes de Filipe, ora agrupavam-se na choupana de uma velha tia de Zebedeu, o pai de João e Tiago. Num meio tão vasto de intrigas e vaidades sem conta, era necessário esconder a alegria de que se sentiam possuídos, cultivando a verdade ao calor da esperança, em épocas melhores.

Simão Pedro e os demais voltaram à Galiléia, para “vender o campo e seguir o Mestre”, como diziam na intimidade. Estavam tocados de fervor santo. A ressurreição enchera-lhes a alma de energias sublimes e até então desconhecidas. Que não fariam pelo Mestre resuscitado? Iriam ao fim do mundo ensinar a Boa-Nova, venceriam trevas e espinhos, perterceriam a Ele para sempre. Reorganizaram, pois, as atividades materiais e regressaram a Jerusalém, a fim de darem início à nova missão.

Instalados na cidade, graças à generosa acolhida de alguns amigos que ofereceram a Simão Pedro o edifício destinado ao comêço da obra, consolidou-se o movimento de evangelização. Os aprendizes, depois do Pentecostes, haviam criado novo ânimo. Suas reuniões íntimas prosseguiram regulares e as assembléias de caráter público efetuavam-se sem impedi-

mento. As fileiras intermináveis de pobres e infelizes, procedentes dos "vales de imundos" lhes batiam à porta, recebendo carinhosa atenção e êsse espírito de serviço aos filhos do desamparo conquistou-lhes, pouco a pouco, valiosos títulos de respeitabilidade, reduzindo-se, de algum modo, o número dos escarnecedores, compelidos então a silenciar, pelo menos, até quando as autoridades favorecessem novas perseguições.

Todavia, continuava o problema da ressurreição. Teria voltado o Cristo? não teria voltado?

Prosseguiram os atritos da opinião pública, quando algumas pessoas respeitáveis lembraram ao Sinédrio que fôsse designada uma comissão de três homens versados na lei, para solucionar a questão junto dos discípulos. Efectuariam um interrogatório e exigiriam provas cabais.

Aprazada a ocasião, houve reboleço geral. Agravaram-se divergências e surgiram os mais estranhos pareceres. Por isso, no momento determinado, grande massa popular reunia-se à frente da casa modesta, onde os apóstolos galileus atendiam os sofredores e ensinavam a nova doutrina.

Os três varões notáveis, todos filiados ao farisaísmo intransigente, penetraram a residência humilde, com extrema petulância.

E Simão Pedro, humilde, simples e digno, veio recebê-los.

Efectuado o preâmbulo das apresentações, começou o inquérito verbal, observado por dois escribas do Templo.

Jacob, filho de Berseba, o chefe do trio, começou a interrogar:

— E' verdade que Jesus, o Nazareno, ressuscitou?

— E' verdade — confirmou Pedro, em voz firme.

— Quem testemunhou?

— Nós, que o vimos várias vêzes, depois da morte.

— Podem provar?

— Sim. Com a nossa dignidade pessoal, na afirmação do que presenciamos.

— Isso não basta — falou rudemente Jacob, sob forte irritação. Exigimos que o ressuscitado nos apareça.

Pedro sorriu e replicou:

— O inferior não pode determinar ao superior. Somos simples subordinados do Mestre, a serviço de sua infinita bondade.

— Mas não podem provar o fenómeno da ressurreição?

— A fé, a confiança, a certeza, são predicados intransferíveis da alma — aduziu o apóstolo, com humildade. Somos trabalhadores terrestres e estamos longe de atingir o convívio dos anjos.

Entreolharam-se os três fariseus, com expressão de ira, e Jacob exclamou, trovejante:

— Que recurso nos sugere, então, miserável pescador? como solucionar o problema que provocaram no espírito do povo?

Simão Pedro, dando mostras de grande tolerância evangélica, manteve imperturbável serenidade e respondeu:

— Apenas conheço um recurso. Morram os senhores como o Mestre morreu e vão pro-

curá-lo no outro mundo e ouvir-lhe as explicações. Não sei se possuem bastante dignidade espiritual para merecerem o encontro divino, mas, sem dúvida, é o único meio que posso sugerir.

Calaram-se os notáveis do Sinédrio, sob enorme estupefação.

No silêncio da sala, começaram a ecoar os gemidos dos tuberculosos e loucos mantidos lá dentro. Alguém chamava Pedro, com angústia.

O amoroso pescador fitou sem medo os interlocutores e pediu:

— Dêem-me licença. Tenho mais que fazer.

Voltou a comissão sem resultado algum e a discussão continua há quase vinte séculos.

29

XXIX

Espírito desencarnado

O Espírito de Garcia Maciel aproximava-se do "outro mundo", tomado de infinito receio.

Afinal, não era a morte outro monstro lendário a desafiar a pobreza humana. Fizera-se Hércules, mentalmente, para sentir-se desafrontado, ante a serpe desconhecida, mas, agora, desejava fazer-se verme. Ao longe, acenava-lhe outra paisagem. Desdobravam-se, perante os seus olhos extasiados, maravilhas de natureza divina, que jamais pudera conceber na jaula dos ossos. E sentia bem que a sua antiga organização fisiológica não passava de jaula, embora de essência divina, porque, observando a amplitude dos novos céus e a beleza dos caminhos novos, chegava à conclusão de haver atravessado a existência humana na condição de uma fera. Lembrava os tempos de revolta íntima, os desequilíbrios emocionais de que era vítima constante, e sentia vergonha. No fundo, acreditava não ter vivido à luz dos valores espirituais e sim à maneira do leão, provisoriamente guindado à forma humana. Os gritos de vaidade ferida, os ataques de orgulho humilhado, com os quais tantas vezes scandalizara os amigos e inimigos não constituíam característicos do grande animal do deserto?

Foi por isso que Garcia Maciel, homem